

Centro Universitário de Adamantina

Revista Científica OMNIA Saúde

e-ISSN 1806-6763

<http://doi.org/10.29327/2272174.6.1-7>

Amanda Arioli da Costa Silva^{1*},

Larissa Chideroli Ferrari¹,

Lívia de Vasconcelos Junqueira Machado¹,

Maria Clara Fatinansi Altrão¹,

Guilherme Dias Bonadirman¹

¹Departamento de Medicina, Centro Universitário de Adamantina, Adamantina, SP, Brasil

Autor correspondente:

42419@fai.com.br

Recebido em: 28/05/2023

Aceito em: 14/08/2023

RESUMO

Objetivo: Este artigo teve como objetivo analisar o uso de psicofármacos com enfoque em ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes, que tratam respectivamente transtorno de ansiedade, depressão e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, utilizados por alunos de medicina, que tende a ser um dos cursos que mais está relacionado ao aumento da utilização de tais drogas, principalmente pela alta carga horária exigida e pressões cotidianas. **Métodos:** Foi realizada uma revisão de literatura baseada em estudos nacionais e internacionais de forma sistemática, a fim de verificar o consumo de psicofármacos pelos acadêmicos de medicina. A pesquisa bibliográfica utilizou como bases de dados: Pubmed, Scielo, UpToDate e Google Acadêmico, foram selecionados artigos publicados nos últimos vinte anos. **Resultados:** As doenças psiquiátricas predominantes nos estudantes de medicina são depressão e ansiedade, além de terem uma identificação elevada com o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Com isso, à automedicação com antidepressivo, ansiolítico e psicoestimulante nessa população acontece de forma indiscriminada devido à vários fatores, sendo o fácil acesso, o principal. **Conclusão:** O desfecho dessa revisão mostra que, além do aumento dos transtornos psiquiátricos nessa classe de estudante, houve um aumento da automedicação de forma indiscriminada, sendo perceptível a relevância de abordarmos e alertarmos sobre o tema.

Palavras-Chaves: Psicofármacos; ansiedade; depressão; transtorno do déficit de atenção e hiperatividade; estudantes de medicina

INTRODUÇÃO

A psiquiatria, uma especialidade médica muito discutida e valorizada cada dia mais, traz consigo diversos questionamentos e debates sobre transtornos mentais, visando melhoria na qualidade de vida populacional. Em contrapartida, aqueles que mais estudam sobre o assunto, os estudantes de medicina, são os mais acometidos pelos transtornos psiquiátricos como depressão, ansiedade e estresse, os quais destacamos adiante. (SARAIVA et al. 2020)

A depressão é um transtorno psiquiátrico que pode atingir diversas faixas etárias, sexo e etnias. Além de ser uma patologia com déficit de substâncias neurológicas (serotonina), esta doença se manifesta em aspectos físicos e psicológicos no indivíduo, tais como dores idiopáticas, mudanças exageradas de peso, transtornos de sono, queda de cabelo, baixa autoestima, alterações na libido, tristeza súbita, alterações repentinas de humor, fobia social e culpa excessiva. (TENG et al. 2005; IRONS, 2018)

Contudo, para muitos, a depressão não é considerada uma doença, sendo assim, por vezes subnotificada e

não tratada da forma correta. Desta forma, o quadro pode ser agravado cada vez mais. Quanto à terapia, é variável de acordo com a gravidade individual que se encontra a doença, em casos mais leves existem diversas estratégias que podem ser utilizadas, como alimentação saudável, prática de exercícios físicos, conexão social, entre outras. Em episódios moderados, pode-se recorrer ao tratamento medicamentoso com antidepressivos e/ou psicoterápico, com acompanhamento de profissionais da psicologia. Já em casos mais agressivos é necessário o uso de terapias medicamentosas, como o antidepressivo, que devem ser prescritas por um profissional médico (NARDI, et al., 2021; CAMPOS; FEITOSA, 2018).

No curso de medicina, como mostra um estudo feito em algumas universidades paulistas, em cerca de 27% dos estudantes analisados, foram notados sintomas da doença. Sendo assim, o transtorno pode ocorrer por diversos motivos, como pressão do curso e expediente de estudo elevado, podendo gerar várias consequências, como queda no desenvolvimento

acadêmico, suicídio e síndrome de Burnout, sendo a graduação de medicina, o curso que tem o maior índice de suicídio durante o decorrer dos 6 anos. (RIBEIRO et al. 2014; MOURA et al. 2021)

Sobre o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), também muito presente neste curso, caracteriza-se pelos seguintes sintomas: medo, constante estado de alerta, desconforto derivado de antecipação de perigo e apreensão contínua. Esta passa a ser patológica a partir do momento em que se torna exagerada e interfere na qualidade de vida do indivíduo. Tais sintomas estão ligados ao estímulo ansiogênico que, por sua vez, quando amplificado tem origem em uma predisposição genética neurobiológica. Ademais, outra maneira de diferenciar a ansiedade normal da patológica é analisar quando, com qual frequência e com que duração ela ocorre. (LELIS et al. 2020; LENHARDT; CALVETTI, 2017).

O desenvolvimento de TAG por estudantes de medicina tem causas variadas entre as quais pode-se citar a dificuldade em se relacionar com outras pessoas e a expectativa com o futuro profissional. Pode ser acrescentado a esses a quantidade de conteúdo didático, a pressão familiar e o anseio para o internato e para a residência. (LELIS et al. 2020)

Em relação ao Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), também conhecido como hiperatividade, os 3 pontos básicos que identificam esse transtorno são: distração, impulsividade e hiperatividade, podendo prevalecer todos no mesmo grau ou em níveis diferentes. Por apresentarem alguns desses sintomas, mesmo que em baixo grau, os estudantes de medicina podem autodiagnosticar portadores do TDAH e fazer o uso de drogas sem prescrição médica, sendo a mais usada nestes casos o metilfenidato. Estudos afirmaram que 23,72% dos estudantes faziam uso indiscriminado, não se importando com os efeitos colaterais da droga, como perda de apetite, insônia, cefaleia e irritabilidade. (SILVA, 2014; CARNEIRO et al. 2013)

Além disso, somado à presença de doenças psiquiátricas e o uso de psicotrópicos, um outro assunto importante também a ressaltar é o consumo de drogas ilícitas e a sua relação com os estudantes de medicina. As principais substâncias utilizadas por esse público, sendo consideradas drogas lícitas, que causam prejuízos cognitivos e comportamentais são o álcool e em seguida o tabaco, e a maconha, sendo a principal droga ilícita utilizada, e por último estimulantes. Os motivos que levam ao uso são os mesmos responsáveis pelo desenvolvimento das

doenças anteriormente mencionadas: o estresse psicológico e físico, a sobrecarga de carga horária, acúmulo de matérias e cobranças ou até mesmo pela tentativa de socialização e lazer. Apesar dos estudantes terem fácil acesso às informações, os mesmos não atribuem a devida relevância às consequências que as drogas ilícitas e lícitas podem levar causando um impacto negativo na vida do indivíduo. (ARBIGAU; MARTINI, 2023)

Em virtude dos fatos mencionados, percebe-se uma relevância na investigação do uso de antidepressivos, ansiolíticos, psicoestimulantes, drogas ilícitas e lícitas com ênfase entre os estudantes de medicina. Alguns estudos mostram que esse público-alvo pode adoecer mais quando comparado com o restante da população e o uso destes medicamentos são predominantes durante um período de grande esforço intelectual e desequilíbrio emocional, tais como finais de semestre, semanas de prova e entregas de trabalhos. Também, devido à cobrança familiar, de professores e do próprio estudante, o consumo desses psicofármacos entre os alunos do curso de Medicina revela o porquê da sua predominância neste determinado grupo social. (SOUZA, 2010; MENDES; DIAS, 2021)

Com isso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as causas e o consumo de psicofármacos por estudantes de medicina. Ademais procura-se conhecer o histórico das síndromes e das drogas, entender o ponto inicial da utilização de psicofármacos, analisar o consumo destes e identificar o padrão do estudante que consome, tendo enfoque em ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes. Justifica-se então, a importância de tal assunto dentro e fora das universidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma revisão de literatura baseada em estudos nacionais e internacionais de forma sistemática, a fim de verificar o consumo de psicofármacos pelos acadêmicos de medicina. A pesquisa bibliográfica utilizou como bases de dados: Pubmed, Scielo, Update e Google Acadêmico. Foram selecionados artigos publicados nos últimos vinte anos. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos que respondiam à pergunta norteadora e atendiam à temática estabelecida pelos descritores (Psicofármacos; ansiedade; depressão; TDAH; acadêmicos de medicina; dificuldade na aprendizagem; pressão com o presente e o futuro; consequências). A escolha dos artigos se deu por meio

de um protocolo criado para a elaboração do presente estudo. Para isto, utilizaram-se os seguintes aspectos: autor, ano, local, delineamento, amostra, faixa etária, testes utilizados e resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O discurso sobre doenças psíquicas se fortaleceu no início do século XIX, contudo o primeiro psicoativo surgiu apenas em 1952, ano o qual também surgiu a primeira resolução do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), nos EUA. A partir disso, a cada ano que se passa mais tecnologias e recursos são direcionados para pesquisas na área de psicofármacos. Esses surgem como alternativa para reduzir o sofrimento e proporcionar uma melhora em relação aos sintomas de seu respectivo transtorno (RUBERT, 2018).

Os psicofármacos são reguladores químicos que agem principalmente no sistema nervoso central, esses têm ação a partir da estimulação ou inibição de atividades mentais. Eles se classificam de acordo com sua ação, efeito e estruturas moleculares. São divididos em: sedativos, ansiolíticos, antipsicóticos (neurolépticos), antidepressivos, liberadores indiretos de catecolaminas, psicodislépticos, (alucinógenos), metabólitos do SNC e antagonistas de serotonina (CINTRA et al. 2019).

Ao decidir cursar medicina, a pressão do jovem vestibulando com a medicina começa muito antes do ingresso do mesmo no curso. Tal fato é comprovado ao analisar a quantidade de horas de estudos, a cobrança da família e do próprio estudante, as quantidades de matérias que devem ser estudadas, o nível de dificuldade do exame e o número enorme de concorrência. A pressão diminui quando o estudante encontra o seu nome na lista de aprovados independente da sua colocação e passa acreditar que a dificuldade maior passou. (SANTOS et al. 2017).

No entanto, a modificação repentina da rotina ocasiona frustrações e medos aos estudantes, principalmente aos que estão em primeiro contato com a área médica, como mostra um estudo sobre o estresse dos acadêmicos do curso. Além da dificuldade de adaptação da distância de casa observada na maioria dos casos, os alunos enfrentam a necessidade de absorção de muitas informações ao decorrer do curso, surgindo o receio de não ser, no futuro, um bom profissional médico, com vidas em suas mãos. Ademais, os acadêmicos de medicina carregam o peso das expectativas da sociedade em seus ombros, não podendo cometer erros e já tendo a

responsabilidade de ser um “bom cidadão”, com a visibilidade das divergências de opinião maior do que o restante das formações, vistos que serão os futuros médicos do país, tendo até mesmo um código de ética direcionado a esses estudantes, baseado nos ensinamentos do filósofo Hipócrates. (AGUIAR, 2009)

Após a conclusão do curso os desafios continuam, pois os recém-formados enfrentam exames mais concorridos que os vestibulares feitos anteriormente, para o ingresso em suas residências, e também exaustivas horas de plantão para o início da vida financeira estável e pagamentos de dívidas com a faculdade caso haja alguma. Apesar de tudo, a perda do primeiro paciente é o maior impacto na vida profissional do médico, sentindo a sua impotência contra a morte. Entre estudantes e profissionais aproximadamente metade sentem-se despreparados para lidar na esfera familiar da morte dos doentes. (MEIRELES et al. 2019)

Com isso, é importante ressaltar que entre os estudantes de medicina, os principais transtornos que prevalecem durante a vida acadêmica são a depressão e a ansiedade, além de uma predominância de autodiagnóstico de TDAH. Sendo assim, esses, tornam-se um problema para o desempenho e a evolução social e individual, portanto, é necessária uma atenção mais apurada desses casos. (MENDES; DIAS 2021)

TDAH

O TDAH só foi aceito como um transtorno neurobiológico no início da década de 80, antes disso acreditavam ser um distúrbio presente apenas na fase primária da vida (infanto-juvenil). Essa mudança de pensamento causou uma explosão de pesquisas voltadas à essa doença para o descobrimento de sua origem (genético ou epigenético), efeitos (neurológicos, comportamentais e sociais) e quais drogas poderiam ser usadas para sua possível cura ou diminuição (BANDEIRA, 2019).

Com o início das pesquisas, já houve um norteamento sobre a existência do transtorno, causado por fatores etiológicos como: biológicos, genéticos e cerebrais, os mais evidentes e importantes para a pesquisa, pois são possíveis de visualizar e concretizar. Também vale ressaltar que aspectos ambientais como psicossociais e nutricionais também têm efeito significativo sobre o distúrbio (BANDEIRA, 2019).

Alguns estudos já evidenciaram que o fator genético está fortemente conectado, ou seja, pais que possuem TDAH ou o fator relevante terá uma progênie com

maior probabilidade de nascer ou desenvolver o distúrbio. A relação do TDAH com fatores cerebrais foi explicada da seguinte forma por BANDEIRA, 2019:

“Vários estudos relacionaram o TDAH à uma desregulação do eixo hipotálamo pituitária-adrenal (HPA), envolvido na resposta ao estresse, e a alterações neuroanatômicas, como a redução do volume de certas regiões cerebrais. O receptor de glicocorticoide (GR), codificado pelo gene NR3C1, desempenha um papel fundamental na resposta ao estresse. A ativação do fator de transcrição GR regula a expressão de um grande número de genes e tem efeitos rápidos na excitabilidade neuronal. Considerando as evidências que ligam a variação genética do eixo HPA em transtornos psiquiátricos e volumes cerebrais, nós hipotetizamos que a variação no NR3C1 poderia moderar a associação relatada entre o TDAH e volume subcortical cerebral.”

A principal droga utilizada para estimular o sistema nervoso central e ajudar no TDAH é o metilfenidato, um fármaco do grupo dos anfetamínicos que atinge mais a atividade mental do que a motora, encontrado na forma comercial em remédios como venvanse e ritalina, sendo esse o mais conhecido e de fácil acesso. Porém, sua indicação de utilização ou não depende muito do diagnóstico do paciente. Desse modo, por apresentar alta eficácia, a procura desses remédios pelos estudantes de medicina torna-se recorrente, pois ajudam a aumentar o desempenho curricular que muitas vezes se torna pesado e desgastante pela alta carga horária (CARNEIRO et al. 2013; CRUZ et al. 2016)

Conforme um estudo feito em uma faculdade particular de Juiz de Fora - MG, o qual tinha o objetivo de verificar o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina em uma amostra de 213 alunos, 11,7% apresentavam diagnóstico prévio de TDAH, 24% apresentavam outras doenças como depressão e ansiedade e 72,3% possuíam provável diagnóstico. Além do mais, em relação ao uso de psicoestimulantes, 31,5% já fizeram uso e destes, 62,7% não tinham diagnóstico prévio. Associando isso a uma outra pesquisa realizada e publicada na revista científica Fagoc - Saúde, verifica-se que em uma amostra final composta por 187 alunos, 52,94% faziam o uso de substâncias psicoestimulantes, sendo que destes, 29,9% utilizam metilfenidato sendo o principal medicamento, 76,8% é usuário sem prescrição médica, 66,6% iniciaram o uso após entrar na faculdade e 88,1% utilizam somente às vésperas das provas. (TEIXEIRA et al. 2020; PIRES et al. 2018.).

Depressão

A depressão é um dos transtornos mais antigos e mais prevalentes na contemporaneidade, em seu livro “Depressão - teoria e clínica” Quevedo et al., (2018) especifica que a doença aparece nas escritas de papiros do Egito Antigo, tendo duração de 2.500 anos de história apresentando diversas classificações desde então.

Dessa forma, a OMS a definiu como um transtorno mental caracterizado por uma tristeza profunda causada por traumas na infância e no passado. Os seus sintomas podem ser reduzidos a: baixo rendimento de aprendizagem das tarefas cotidianas, insegurança e abjeto autoestima, podendo apresentar descuidos físicos do indivíduo, como falta de higiene. A doença pode ser classificada em baixo, médio e alto grau sendo que seu tratamento pode ser feito com ou sem o uso de medicamentos. (COMASSETTO et al. 2018)

Ademais, devemos estar atentos aos princípios da depressão pois, muitas vezes, o indivíduo não reconhece os sintomas e a baixa depressão pode aumentar bruscamente para média e alta, resultando em sintomas mais graves e terapia de longa duração. Essa doença pode existir por anos na vida de seus portadores e, caso seu tratamento não seja feito da forma correta, pode causar surgimento de outras patologias. (DARÉ; CAPONI, 2017).

Em relação ao tratamento, os benzodiazepínicos se destacam na lista de fármacos de categoria B1 mais consumidos e, dentre eles, o mais vendido é o clonazepam. Esse tem efeito sob o sistema nervoso central (SNC) de forma anticonvulsivante e sedativo. Já na categoria C1, o psicoativo mais distribuído é a fluoxetina, que assim como o clonazepam, age no SNC, porém seu mecanismo de ação se dá pela inibição de recaptadores de serotonina. (CAZAROTT et al. 2019; ZORZANELLI et al. 2019).

Em uma pesquisa realizada na PUC-Goiás, com uma amostra de 865 estudantes de medicina, maiores de idade, nos anos de 2020 e 2021, teve como resultado que 36% nunca usaram psicotrópicos e 29,4% atualmente utilizam esses medicamentos, enquanto 17,1% já usaram, mas no momento não consomem, sendo importante ressaltar que para 17,6% dos participantes a questão não se aplica. A maioria dos estudantes que já usaram medicação (43,5%) afirmaram que o medicamento foi prescrito por um médico e apenas 3,2% fizeram uso de medicação por conta própria, a medida que 53,3%, nunca fizeram uso de psicotrópicos. Do total de participantes 61% não

têm nenhum diagnóstico e 19,7% relatam diagnóstico. (BRITO et al. 2021)

No quesito sintomas depressivos, a maior parte dos pesquisados (29,9%) se sentem deprimidos apenas diante de uma situação triste, enquanto 26,9% sentem-se muito raramente. Já 26,2% deles relatam se sentir deprimidos cotidianamente e por fim, 16,9% não costumam apresentar sintomas semelhantes aos de depressão. (BRITO et al. 2021)

Ansiedade

Se tratando da ansiedade, podemos defini-la como uma antecipação de sentimentos de medo e apreensão, que surgem por diferentes causas, culminando no aumento dos batimentos cardíacos, tensão muscular, sudorese e diversos outros sintomas, que fisiologicamente, são utilizados pelo nosso corpo em momentos de estado de alerta. O problema surge quando, em pessoas com esse transtorno, esses sintomas ocorrem em momentos do cotidiano que normalmente não haveria tal grau de estresse. Além disso, vale ressaltar que existem inúmeros tipos de transtornos de ansiedade que causam consequências psicossociais que precisam ser tratadas o mais rápido possível para que não agrave o quadro e leve a outras complicações. (CINTRA et al. 2022).

O Brasil, segundo dados levantados pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2017, foi o país com a maior taxa de transtornos ansiosos do mundo, o qual possui uma frequência alta entre acadêmicos, tanto do curso de medicina quanto dos demais cursos. Na terapêutica os medicamentos de escolha para o estresse agudizado causado pela ansiedade, são os benzodiazepínicos e psicoativos, assim como na depressão. (LOPES et al. 2019).

Um estudo quantitativo realizado com 865 estudantes de medicina de diferentes estados brasileiros ergueu dados para analisar quais os principais medicamentos utilizados por essa população para os transtornos ansiosos. Os resultados revelam que 64% dos estudantes utilizam ou já utilizaram substâncias ansiolíticas e/ou antidepressivas, sendo os benzodiazepínicos a segunda classe de medicamento mais usada entre esses estudantes sendo, Clonazepam, Alprazolam, Diazepam, Bromazepam e Clobazam os mais citados, porém, houve mais de 50 nomes expostos nos resultados. (BRITO, 2021).

Drogas ilícitas

Adendo às drogas ilícitas, essas são muito consumidas

pelos acadêmicos de todas as áreas, mas percebe-se uma prevalência nos cursos da área biológica comparado com os demais. Os principais fatores para tal crescimento nessa fase, se dá pela dicotomia emocional em conjunto com o intenso sofrimento psíquico, devido à drástica mudança no cotidiano com o início de uma nova fase como a alta demanda acadêmica, reinserção em novos grupos de faculdade, tentativa de socialização, entre outros. (PEREIRA et al. 2020)

Em um recente estudo realizado nos acadêmicos da área de saúde de um Centro Universitário do norte do Paraná, revelou que a bebida alcoólica é a substância mais utilizada pelos acadêmicos (71,6%, n = 194), seguida pelo tabaco (25,8%) e pela maconha (7,7%), a principal droga ilícita utilizada mundialmente, e em menor porcentagem estimulantes como anfetaminas e outras drogas. Dessa população, 55% já faziam o uso antes e 25,5% começaram a utilizá-lo depois de ingressar na faculdade, sendo que o restante não utiliza drogas psicoativas. Ainda sobre esta pesquisa, identificou-se que 40,6% dos estudantes fazem uso de tais substâncias justificando algum transtorno emocional e 51,7% relatam uso de forma recreativa, como em festas, na intenção de socialização. (BRICHES et al. 2022).

CONCLUSÃO

Conclui-se que os principais transtornos psiquiátricos diagnosticados em acadêmicos de medicina são a ansiedade e a depressão e em relação ao TDAH tem-se uma alta prevalência de auto-diagnóstico. Ademais, a automedicação com psicotrópicos como antidepressivo, ansiolítico e psicoestimulantes nesses indivíduos acontece de forma indiscriminada devido ao fácil acesso a essas medicações, soma-se a isso o fato de muitas vezes estarem associadas ao uso de drogas ilícitas. Com isso, verifica-se a importância de incentivar novos estudos e pesquisas sobre essas doenças e essas substâncias, a fim de instigar e questionar as atitudes preventivas tomadas pela instituição para o tratamento de seus alunos com acompanhamento dos devidos profissionais da área, como médicos psiquiatras e psicólogos, tendo uma multidisciplinaridade de profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, S. M. et al. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 58, p. 34-38, 2009.

- ARBIGAU, C. A.; MARTINI, M. B. Consumo de drogas lícitas e ilícitas entre estudantes de medicina de uma capital do Brasil. **Revista de Medicina**, v. 102, n. 2, 2023.
- BANDEIRA, C. E. Efeitos do TDAH e de variantes genéticas do receptor de glicocorticoide sobre volumes cerebrais. 2019. 63p. **Dissertação (Pós Graduação em Genética e Biologia Molecular)** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019
- BRICHES, M. C. F.; TOLENTINO, D. C. O.; GODINHO, J. Substâncias psicoativas e seu uso entre acadêmicos da área da saúde de um centro Universitário do norte do Paraná: Psychoactive substances and their use between health academics at a University center in north of Paraná. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 11, p. 75626-75639, 2022.
- BRITO, J. R. et al. Consumo de ansiolíticos e antidepressivos: uma análise sobre o uso entre estudantes de medicina. 2021. 42p. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina)** - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.
- CAMPOS, F. A. A. C.; FEITOSA, F. B. **Protocolo de Diagnóstico da Depressão em Adulto (PDDA)**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.
- CARNEIRO, S. G. et al. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina. **Cadernos UniFOA**, v. 8, n. 1 (Esp.), p. 53-59, 2013.
- CAZAROTTI, M. L. B. et al. Psicotrópicos: Prescrições Médicas Dispensados em uma Drogeria no Município de Santa Inés-MA. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 2, p. e326-e326, 2019.
- CINTRA, G. S. et al. Prevalência de Transtorno de Ansiedade Generalizada em Estudantes de Medicina: Revisão da Literatura. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 11, n. 5, p. 832-835, 2022.
- CINTRA, K. C. et al. Abordagens farmacológicas em psicofármacos. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. Esp. 1, p. 17-17, 2019.
- COMASSETTO, M. E. et al. Sintomas Depressivos-Causas e Efeitos em Jovens De Escolas De Sapucaia Do Sul. **Revista Thema**, v. 15, n. 4, p. 1486-1492, 2018.
- DARÉ, P. K.; CAPONI, S. N. Cuidado ao indivíduo com depressão na atenção primária em saúde. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 7, n. 1, p. 12-24, 2017.
- CRUZ, B. A. et al. Uma crítica à produção do TDAH e a administração de drogas para crianças. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 282-292, 2016.
- PIRES, M. S. et al. O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários. **Revista Científica UNIFAGOC-Saúde**, v. 3, n. 2, p. 22-29, 2018.
- IRONS, C. **Depressão Saiba como diferenciar a depressão clínica das tristezas do dia a dia**. Saraiva, 2018.
- LELIS, K. C. G. et al. Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 23, p. 9-14, 2020.
- LENHARDTK, G.; CALVETTI, P. Ü. Quando a ansiedade vira doença? Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo-comportamental. **Aletheia**, v. 50, n. 1 e 2, 2017.
- LOPES, M. S.; SATO, M. D. O.; SATO, R. M. S. Ansiedade em ambiente acadêmico: avaliação da sintomatologia de transtornos de ansiedade e do consumo de medicamentos entre estudantes de um centro universitário de Curitiba. **Revista UNIANDRADE**, v. 20, n. 2, p. 69-73, 2019.
- MEIRELES, M. A. C. et al. Percepção da morte para médicos e alunos de medicina. **Revista Bioética**, v. 27, n. 3, p. 500-509, 2019.
- MENDES, T. C.; DIAS, A. C. P. Sintomas de depressão, ansiedade, estresse e fatores associados em estudantes de medicina brasileiros: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e14910414033-e14910414033, 2021.
- MOURA, R. S. et al. Síndrome de Burnout em acadêmicos de medicina: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 11, p. e9205-e9205, 2021.
- NARDI, A. E.; DA SILVA, A. G.; QUEVEDO, J.. **Tratado de Psiquiatria da Associação Brasileira de Psiquiatria**. Artmed Editora, 2021.
- PEREIRA, A. R. et al. Uso de drogas entre universitários de uma universidade federal de Minas Gerais. **Revista Valore**, v. 5, p. 5023, 2020.
- QUEVEDO, J.; NARDI, A. E.; DA SILVA, A. G.. **Depressão-: 3Teoria e Clínica**. Artmed Editora, 2018.
- RIBEIRO, A. G. et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1825-1833, 2014.
- RUBERT, J. N. **Percepções do uso de psicofármacos: um estudo de narrativas**. 2018. 20p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.
- SANTOS, F. S. et al. Estresse em estudantes de cursos preparatórios e de graduação em medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 2, p. 194-200, 2017.

SARAIVA, N. C. S.; ALMEIDA, V. A. A.; FÓFANO, G. A..
Relação entre desempenho acadêmico e saúde
mental em estudantes de medicina: uma revisão de
literatura. **Revista Científica UNIFAGOC-Saúde**, v. 4,
n. 2, p. 51-59, 2020.

SILVA, A. B. B. Mentis Inquietas: TDAH-desatenção,
hiperatividade e impulsividade. **Principium**, 2014.

SOUZA, L. Prevalência de sintomas depressivos,
ansiosos e estresse em acadêmicos de medicina.
2010. **Tese de Doutorado. Universidade de São
Paulo.**

TEIXEIRA, A. B. et al. Uso de psicoestimulantes por
estudantes de medicina em uma faculdade particular
de Juiz de Fora-MG. **Revista Eletrônica Acervo
Científico**, v. 12, p. e3599-e3599, 2020.

TENG, C. T.; HUMES, E. C.; DEMETRIO, F. N.. Depressão
e comorbidades clínicas. **Archives of Clinical
Psychiatry**, v. 32, n. 3, p. 149-159, 2005.

ZORZANELLI, R. T. et al. Consumo do benzodiazepínico
clonazepam (Rivotril®) no estado do Rio de Janeiro,
Brasil, 2009-2013: estudo ecológico. **Ciência & Saúde
Coletiva**, v. 24, p. 3129-3140, 2019.